



# Carisma e Espiritualidade Dominicana

---

“É preciso que eles cresçam”

Carta de Frei Damian Byrne OP sobre os Leigos Dominicanos

Queridos Irmãos e Irmãs,

O Capítulo Geral de Ávila criou uma Comissão especial para a estudo do papel dos leigos em nosso apostolado. Assim agindo, o Capítulo refletia a crescente importância que o laicado vem adquirindo na Igreja, particularmente a partir do Concílio Vaticano II. Essa Comissão encomendou ao Mestre da Ordem de “escrever aos Frades e a toda a Família Dominicana sobre os leigos em nosso apostolado e sobre o Laicado dominicano no mundo de hoje”(n. 95).

A presente carta responde a este encargo do Capítulo. É uma homenagem a toda a Família Dominicana pelas conquistas obtidas nesta importante área eclesial e, ao mesmo tempo, um apelo fraterno a todos os membros da nossa Família para que intensifiquem sua preocupação e seu trabalho neste novo campo eclesial.

## 1. O despertar do laicado, um novo sinal eclesial

O Concílio Vaticano II refletiu sobre um novo sinal eclesial - a saber, o despertar do laicado para uma nova era de corresponsabilidade e sentido de comunidade.

As palavras do Concílio foram um ato de reconhecimento deste novo período na vida da Igreja e ao mesmo tempo um convite a toda a Igreja para prosseguir nessa caminhada. O Sínodo dos bispos sobre os Leigos retomou a voz autorizada do Concílio e assinalou novas pistas e objetivos para reforçar a vocação e a missão do laicado.

O despertar dos leigos para o ministério e a corresponsabilidade eclesial é um sinal dos tempos com uma profunda significação teológica. As declarações do Concílio e do Sínodo são apenas o reflexo de um acontecimento histórico que está brotando por toda parte em todas as Igrejas locais. É um acontecimento da Igreja universal.

Vamos rever juntos alguns fatos que estão presentes no atual momento da vida da Igreja:

As Igrejas locais, muitas delas jovens Igrejas, estão adquirindo uma vitalidade especial graças em grande parte à ativa corresponsabilidade do laicado, homens e mulheres, conscien-

tes de sua missão cristã e de sua responsabilidade apostólica. Os esforços de revitalização, reorganização, inculturação, renovação missionária... são freqüentemente impulsionados e postos em prática pelo laicado em diálogo e colaboração com seus pastores.

Este fato de uma progressiva diversificação dos ministérios assumidos pelos leigos nas suas comunidades cristãs é de singular importância. O número de leigos que descobrem e assumem ministérios específicos (institucionais e não institucionais) é maior a cada dia. Em muitos casos seus ministérios são reconhecidos e aprovados por seus pastores. O número de leigos dedicados à catequese e à evangelização, à reflexão teológica e ao ensino, à presidência e animação da comunidade, à administração e ao serviço social, ao engajamento nas lutas pela justiça e paz no mundo, etc. vem crescendo. Estes ministérios são desempenhados não apenas com boa vontade; mas os que o fazem, assumem também a responsabilidade por sua própria formação, preparação e treinamento adequado.

Numa perspectiva teológica, eclesial e pastoral, o fato de que uma liderança crescente seja assumida pelo laicato é extremamente significativo. Não se trata de uma liderança destinada simplesmente a substituir o padre na sua ausência ou a coloca-lo de lado; antes, pelo contrário, é uma liderança dos leigos que, por um carisma e uma graça especiais, sentem-se chamados a se tornarem os animadores de suas comunidades cristãs na oração, na partilha da Palavra, e nos engajamentos sociais e políticos. Estes líderes leigos apontam e antecipam uma nova era, tanto na concepção, quanto na função da autoridade na comunidade cristã.

No despertar do laicado a presença de mulheres, depois de séculos de silêncio e marginalização, adquire uma singular importância e exige que a ela estejamos atentos. Os talentos naturais e o carisma especial das mulheres infunde uma nova vitalidade na comunidade cristã e revela uma nova face de experiência cristã. Seu sentido do concreto, sua sensibilidade feminina, sua maternidade, sua persistência para enfrentar as dificuldades... revelam aspectos escondidos da Palavra de Deus, da comunhão cristã, da experiência do Reino de Deus. Estas características presentes na Igreja hoje produziram uma crescente colaboração entre leigos, religiosos e sacerdotes em diferentes campos da vida eclesial. Cada vez mais os frades e as irmãs partilham seus projetos de vida e de apostolado com outros religiosos e com leigos, homens e mulheres, casados e solteiros. Os leigos não são apenas objeto da nossa missão! Eles partilham conosco - e nós com eles, - esta autêntica responsabilidade na comunidade cristã.

Face a esta realidade eclesial nós, Dominicanos, devemos nos perguntar: como nos sentimos e como reagimos com relação a este despertar do laicado? Assumimos alegremente este fato? Ou, com a nossa auto-suficiência, o ignoramos? Ou o rejeitamos por causa de falsos medos? Quais as nossas atitudes e o nosso relacionamento para com os leigos? Que lugar ocupam os leigos em nosso ministério apostólico, na elaboração e realização de nossos projetos apostólicos?

Sentir com a Igreja hoje significa, entre outras coisas, colocar estas perguntas e responder e elas com sinceridade.

## 2. Chaves teológicas para uma reflexão cristã

A reflexão teológica se voltou para os sinais dos tempos a fim de ler, interpretar e discernir os apelos da Palavra de Deus em contato com as situações históricas do povo. A fidelidade à nossa rica tradição teológica exige de nós escutar atentamente e discernir este novo sinal eclesial dos tempos. Não podemos esquecer que foram nossos próprios irmãos Congar e Chenu, como teólogos no Vaticano II, que desenvolveram uma nova teologia do laicado e do ministério na comunidade cristã.

A primeira chave para refletir sobre o laicado e sua missão na Igreja nos é dada pela eclesio-  
logia do Vaticano II. Ela passou da ênfase numa definição legal-institucional da Igreja para uma concepção e definição teológicas. A categoria crítica desta nova definição é “o Povo de Deus”: a Igreja é o novo Povo de Deus chamado pela fé no Senhor Ressuscitado e selado pelo batismo em Jesus Cristo. No momento, há uma certa insistência de que a ‘comunhão’ e não o ‘Povo de Deus’ exprime melhor a natureza da Igreja.

Contudo, o Concílio Vaticano II e a tradição mais antiga, são a favor da definição ‘Povo de Deus’. Todos os batizados participam com plenos direitos desta vocação e missão. Todos são Povo de Deus, membros ativos e responsáveis da Igreja para sua missão.

Esta concepção eclesial do Concílio nos leva a uma nova concepção do ministério e dos ministérios na Igreja. Todos os ministérios e carismas são dons de Deus através da comunidade. Encontramos aí a segunda chave importante para nossa reflexão teológica. O sujeito do ministério é a comunidade cristã. Cada batizado participa desta dimensão do ministério. A diversificação dos ministérios é a expressão da dimensão ministerial que caracteriza a comunidade.

Uma terceira chave para a nossa reflexão nos obriga a rever nossas tradicionais teologias do ministério. Quero me referir aos critérios relativos à validação e organização dos mesmos. O caráter muito sagrado das ações litúrgicas e a forte associação entre ministério sacerdotal e autoridade da Igreja nos condicionou a privilegiar um ponto de vista sagrado e litúrgico, com relação a estes ministérios. Neste sentido, as funções e ministérios associados ao culto ocupam o primeiro lugar no nosso sistema teológico de valores, enquanto ministérios mais seculares são relegados a um lugar secundário. Isto precisa mudar. Relembrando a advertência de São Paulo aos Coríntios, é necessário recuperar os critérios comunitários para valorizar e dar preferência ao carisma e ao ministério. Carismas e ministérios assumem uma importância maior para o cristão, na medida em que constroem a comunidade cristã.

Esta terceira chave teológica nos ajuda a superar o tradicional dualismo e, em muitos casos, a falsa oposição entre sacerdócio e laicado. Merecem ser lembradas as palavras de Pe. Congar sobre este tema:

“A Igreja não é construída meramente por atos dos ministérios oficiais do presbitério mas (também) por numerosos tipos de serviços, mais ou menos estáveis ou ocasionais, mais ou menos espontâneos ou reconhecidos (oficialmente), alguns consagrados pela ordenação sacramental. Estes serviços existem como ministérios, mesmo que não sejam chamados pelo seu verdadeiro nome; mesmo que eles ainda não encontrem seu verdadeiro lugar e status na eclesiologia. Eventualmente percebemos que o binômio decisivo não é ‘sacerdócio - laicado’... mas, muito mais, ministérios (ou serviços) e comunidade.” (Ministères et communion ecclesiale, Paris 1971, p. 09, 17, 19)

Esta chave também nos ajuda a compreender a diversificação e a distribuição de carismas e ministérios entre todos os membros da comunidade, ordenados ou leigos, homens e mulheres. Finalmente - o que é talvez mais importante - nos ajuda a aceitar o profundo significado cristão dos ministérios assumidos pelos batizados em busca de uma sociedade mais humana, mais rica em amor e mais justa: promoção, solidariedade, defesa dos direitos humanos, etc. Estas chaves teológicas devem estimular a reflexão e o discernimento teológico enraizados em nossas práticas apostólicas e eclesiais. Hoje, a teologia nos oferece orientações seguras para a reflexão e também muitas questões difíceis em relação ao ministério. Ainda é missão dos Dominicanos oferecer à comunidade cristã o ministério e o carisma do discernimento teológico, se quisermos permanecer fiéis à nossa tradição. Mas nossa reflexão teológica não será fecunda se estiver dissociada de nossa ação cristã, eclesial e apostólica.

### 3) Desafios e engajamentos para a Família Dominicana

O coração do carisma dominicano deve ser encontrado na pregação, no kérigma da Palavra de Deus. Ser dominicano é ser um pregador. Esta é a referencia primordial do projeto dominicano. Entretanto, este anúncio é algo mais do que um discurso verbal que passa através de uma catequese, uma homilia ou um ensino religioso. Ele se manifesta em qualquer palavra ou em qualquer ação histórica que proclama o acontecimento salvífico no coração da história humana. O lugar específico do encontro entre os Dominicanos e os leigos é exatamente no carisma e ministério da pregação. À Família Dominicana é chamada a ser uma comunidade de pregação na qual seus membros são ativos e responsáveis -frades, irmãs, leigos - com ministérios e carismas diversificados.

A Ordem nasceu num momento histórico de determinada crise eclesial e ao mesmo tempo de extraordinária vitalidade. Foi o momento do despertar do movimento dos leigos e isto influenciou o projeto de fundação das Ordens Mendicantes e criou uma nova concepção da Igreja, para além dos limites das paróquias e dioceses. Através de toda a sua história, a Ordem viveu experiências significativas que podem nos ajudar a entender esta nova era para o laicado: a incorporação da Ordem Terceira no projeto dominicano, a evolução das funções e ministérios dos irmãos cooperadores, a incorporação de numerosas Congregações femininas em sua missão... A memória destes acontecimentos é um desafio para estes novos tempos.

Ainda que algumas vezes seja difícil, aqui se encontram algumas possibilidades que podemos adaptar. Hoje, acredito que nossas comunidades são chamadas a inaugurar e reforçar

novas práticas eclesiais que levam os leigos a uma colaboração no ministério da Igreja. A prática de partilhar a oração com os leigos oferece-lhes a riqueza de uma oração que tem a força de séculos, ao mesmo tempo que deles recebe a novidade de novas experiências cristãs. Algumas de nossas comunidades poderiam ser revitalizadas pela partilha da responsabilidade por nossa oração com o laicado. Na verdade, já conhecemos belos exemplos deste tipo de renovação da Ordem.

É também necessário começar e sustentar novos modelos no campo da formação, que seriam partilhados com os leigos. Isto não deve ser orientado numa única direção, mas deve ser fruto de uma reflexão comunitária. A Palavra de Deus não está algemada: ela está aberta à inteligência de todos os fiéis que permanecem atentos e à escuta. Podemos oferecer a riqueza de nossa própria formação teológica, mas devemos aprender a escutar, a fim de que possamos ser enriquecidos no diálogo com os outros fiéis.

Nosso trabalho apostólico deve ser revisto e re-direcionado à luz destas novas perspectivas de ministério, a fim de poder responder de maneira adequada ao novo relacionamento eclesial com o laicado. Estes trabalhos devem animar novas maneiras de exercer a autoridade e a liderança. Precisamos encontrar novos caminhos de partilhar o planejamento de projetos apostólicos. Novos caminhos para atualizá-los na linha da corresponsabilidade, para diversificar as funções e os ministérios no nosso trabalho apostólico... A causa do Evangelho precisa ter prioridade sobre nossas rotinas, nossos confortos e nossos medos. Uma comunidade dominicana em situação de missão e de itinerância é uma comunidade aberta ao presente e ao futuro da Igreja na sociedade.

O Capítulo de Ávila (n. 85) refletiu a respeito da inquietação que se manifesta entre nossos leigos dominicanos: “eles estão enfrentando um problema particular hoje: em suas fraternidades há uma ausência notória de jovens, e, por isso mesmo uma certa falta de vitalidade. Seria isto, pelo menos em parte, o resultado do desconhecimento do ensino da Igreja a partir do Vaticano II sobre o assunto, que faz com que não seja posto em prática?” O mesmo problema foi analisado no Congresso do laicado Dominicano, realizado em Montréal, em 1985. Confrontados com esta situação, precisamos repensar e orientar os leigos dominicanos em relação às novas práticas eclesiais e às novas chaves teológicas referentes ao lugar e à missão dos leigos no mundo e na Igreja.

#### 4) Pistas para o futuro

Nossos irmãos e nossas irmãs estão assumindo progressivamente este novo estilo de exercer o ministério dominicano, que favorece uma Igreja que está sempre surgindo. Muitos já começaram e são um estímulo para a Família Dominicana. Esta nova maneira de agir está dando hoje maior credibilidade à nossa vocação. É uma oportunidade para a renovação da nossa Ordem; este despertar dos leigos oferece-nos uma nova fronteira a cruzar. Precisamos de coragem para cruzá-la.

O futuro da Igreja e de nossa Família Dominicana exige muito de nós. As razões para não agir podem nos fornecer às vezes uma falsa segurança, mas como João Batista, o primeiro pregador de Jesus Cristo, nos lembra: “eu preciso diminuir a fim de que Ele cresça” (Jo 3, 30). Como Jesus, a graça de Deus vive em cada um dos fiéis de modo que Ele cresça, quando eles O proclamam até o final dos tempos. Que a memória de São Domingos nos dê a coragem de nos engajarmos neste novo sinal eclesial.

Dado em Roma, em nossa Cúria Generalícia, no dia 23 de novembro, festa de São Clemente de Roma e São Columbano, no ano do Senhor de 1987.

**Frei Damian Byrne, OP**

*Mestre da Ordem*

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>